

ALFABETIZAÇÃO VISUAL: CONCEITO, EQUÍVOCOS E NECESSIDADE

Sidney Campanhole
PUC/SP

ISSN 2316-6479

Resumo

O presente artigo investiga o conceito de alfabetização visual a partir de uma retomada da relação imagem e linguagem visual. Para tanto, retoma a bases da organização perceptual proposta pela Gestalte da Neurociências para pensar na construção de um território da gramaticalidade visual e identificar a complementariedade entre as formas visuais e verbais. A questão concluiu que muito mais importante que a nomenclatura, é o intento de representação num cenário cultural que ainda não assume a importância deste fato.

Palavras chave: Linguagem visual, alfabetização visual, imagem, visualidade

Abstract

This article investigates the concept of visual literacy from the resumption of the image and language relationship. For this, it retakes the basis of perceptual organization proposed by Gestalt and Neuroscience, in order to think about the formulation of a visual grammaticality and to identify the complementarity between visual and verbal forms. The question concluded that much more important than the nomenclature, is the intent of representation in a cultural scenario that still does not assume the importance of this fact.

Keywords: Visual language, visual literacy, image, visuality

Em tempos que a questão da visualidade passa a ser objeto de estudo de organizações multidisciplinares e adquire crescente espaço de argumentação científica, algumas lacunas vão surgindo. A visualidade é uma forma de compreensão do mundo a nossa volta senão anterior, pelos menos concomitante, aos meios sonoros, mas com certeza teve a verbalização a posterior. Em tempos primordiais, o homem desenvolveu a visão para auxiliar a sobrevivência, pois contribuía para a localização de alimentos e proteção de predadores. Era o principal orientador de deslocamento pelo espaço. A passagem para sistemas mais complexos de vida social alargou a visualidade para outros fins, da sobrevivência para a socialização e, depois, para a concepção estética. Tal percurso, pelos menos no mundo ocidental, engendrou pela perspectiva das artes, e a compreensão da visualidade produzida foi encapsulada durante bom tempo nas amarras do fenômeno artístico. O crescente advento das tecnologias da informação e da comunicação após a revolução industrial, como a fotografia, o cinema, etc., contribuíram para a produção

visual ser expandida para além da esfera áurica da arte, o que não descarta, até então, a ilustração científica, entre outros usos singulares.

Os novos suportes da produção visual, desde os mais massivos até passíveis de acesso controlado, dos analógicos aos digitais, dos plugados aos móveis, geraram novas condutas perceptivas, cognitivas e comportamentais, e a produção visual é reconhecida sob a tutela conceitual de IMAGEM.

De acordo com Noth e Santaella (1998) são duas ordens de imagem:

O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenho, pintura, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos, ou, em geral, como representações mentais (Santaella e Nöth, 1998, p15)

As de ordem natural, como a simples observação do mar, também são imagens, mas não estão mediadas através de materialidades distintas da sua natureza existencial para representá-las. A percepção de qualquer uma dessas condições apresenta regularidades de organizações, mas, tendo em vista a manipulação da materialização e produção de sentidos, são as imagens elencadas nas representações visuais o corpus desta discussão.

Catalá (2011) discorre sobre as maneiras de ver (a imagem) e propõe três formas: a visual (visão natural), visível (visão cultural) e a visualizável (visão técnica). A ideia traduz às diversas camadas de mediações que existem na contemplação da imagem, cujo comportamento cultural não é único, as possibilidades criadas pela tecnologia criam novas transformações do olhar: “O visível é um enigma que permanece como tela de fundo ideal sobre o qual transcorre uma série de fenômenos visuais sempre em mutação (CATALÁ, 2001 p45)”

A imagem ao se apresentar à percepção e disparar as conexões que produzem sentidos em nossa mente, não perpassa só sobre circuitos sensoriais associados aos filtros culturais e tecnológicos. Há outra situação, cujo processo articulado aos processamentos da imagem, na geração de sentidos, mas pouco consciente frente à propriedade de nominar da mente. Fato que não a torna inexistente é a linguagem visual. O uso dessa expressão não é original, aliás, até comum, mas por outro lado esvaziada do fenômeno que realmente representa.

É comum o termo linguagem estar associado ao universo verbal, assim como a imagem ser delegada a linguagens não verbais, porém essa classificação “verbocentrista”, meramente classificatória e anêmica nos argumentos, é substituída pela Teoria das Matrizes da Linguagem e Pensamento

(SANTAELLA, 2000), que admite a linguagem humana constituída de três matrizes: sonora, visual e verbal. Tais matrizes, fundamentadas nas categorias fenomenológicas da filosofia peirceana, são intrínsecas e se estendem da ordem natural até as formatações culturais. Santaella, ao propor essa tríade, também retoma os critérios que definem um sistema delinguagem:

[...] um sistema perceptivo deve conter legi-signos (organização hierárquica, sistematicidade), deve ser passível de registro, nem que seja o registro da memória (recursividade) e, sobretudo, deve ser capaz da metalinguagem (auto-referencialidade, metáfora). (SANTAELLA, 2001, p 71)

Todo sistema de linguagem requer uma ordenação (sintaxe) das unidades (morfologia) que a constitui e seja capaz de produzir significados, inclusive referenciando a si mesmo.

É indubitável que o caráter simbólico-verbal da linguagem é o ápice da sua natureza de mediação, mas, a condição de anterioridade da matriz visual à verbal antepõe à visual na condição apresentativa e indicativa, que, muitas vezes, é pouco evidenciada em detrimento da ideia que o modo visual sempre é mediado pelo verbal. Não se trata de dicotomias, mas de estágios de desenvolvimento, portanto, a linguagem visual como fenômeno contíguo tende ao regresso à condição meramente apresentativa ou avança à arbitrariedade.

O neurocientista John Eccles ainda na perspectiva da valoração verbal do conceito delinguagem cita: “A linguagem oferece os meios para a representação abstrata dos objetos e para sua manipulação hipotética pela mente. (1991, p 366)”, Toda a linguagem é um sistema de representação e, no caso visual, a abstração não é uma regra, mas sempre oferecerá a manipulação mental, que permeia na própria gramaticalidade que a constitui e colabora na produção de sentidos em prol da meta comunicacional.

Pode parecer que usar o termo gramática, sintaxe, discurso para apresentar a linguagem visual retoma a ótica do modo verbal, entretanto, esses conceitos são pertinentes a qualquer forma de linguagem, não se trata de uma exclusividade verbal, cujo território estrutural está mais elucidado.

Retomando a imagem, assim como a fala, se desenvolvem independente da compreensão de suas gramáticas articuladoras, mas, obviamente, que a compreensão e o domínio gramatical aferem maior potencialidade de leitura e produção de sentidos, neste caso, visuais. A imagem está numa condição existencial, que apresenta o fenômeno visual e a linguagem visual no engendramento mental, decorrente de receptores e conexões neuronais, mesmo

que na processualidade não seja compreendida nominalmente, apenas sentida. São duas situações, intrínsecas e de limites muitos tênues.

De acordo com os aspectos do signo triádico proposto por Peirce (1972), fundados nas categorias fenomenológicas que alicerçam toda a estrutura filosófica deste pensador: possibilidade, alteridade e regularidade, ao contemplar a imagem, o que chega primeiro é uma condição holística de todos os elementos que a constitui, são elementos individuais, mas orquestrados por princípios de ordenação – a sintaxe. A fixação sobre a imagem, estados de atenção captados, revela a singularidade de elementos que constituem o todo da imagem – a forma (ou morfologia). Por último, os sentidos são produzidos, o discurso. São etapas intrínsecas e simultâneas.

Enquanto a morfologia da linguagem verbal tem a palavra como forma, restrita à língua e dependente do contexto cultural, a morfologia visual inicia nos limites da estrutura sensorial, aparentemente delimitada, mas com forte potencial polissêmico. A verificação da gramática visual deve iniciar por uma investigação sob viés da Neurociências, mesmo quando este campo ainda assume a existência do hiato da percepção e conexão para com a produção de sentidos, a falta de compreensão do processo que liga essas duas etapas.

A Teoria da Gestalt, enunciada por Max Wertheimer¹ (1923) sobre a organização perceptual da forma subsidiou várias concepções sobre a leitura de imagens, pois na realidade são princípios sintáticos da imagem. Para Westheimer (2013), os enunciados de Wertheimer antecipam atuais compreensões da Neurociências, para este estudo, reforça a estrutura preexistente que determina a Sintaxe Visual. (relação forma-espço, tensão espacial, ritmo, equilíbrio, agrupamentos por semelhança, etc.)

O Neurocientista David Marr (2010), em suas pesquisas computacionais sobre o processamento da informação visual, propôs a percepção e estímulos visuais em três níveis: o **esboço primário (bidimensional)**, primeiro nível de organização perceptiva visual, caracterizado pela identificação de áreas em função da luz: cores, texturas, bordas, etc.; um segundo nível, o **2½D (bi-e meio-dimensional)**, saliências, concavidades, recombinações do esboço primário criam mínima sensação de profundidade. As formas, em estado de alteridade em relações umas com as outras, criam estados de atenção diferente, “o que vem primeiro”, o “que

1 Max Wertheimer (1880-1943) apresentou, num artigo publicado em 1923, os seguintes princípios de organização perceptual: proximidade – partes bem próximas no tempo e no espaço, parecem unidas e apreendidas juntas, continuidade – a tendência da percepção seguir uma direção para conectar elementos, fluindo num continuum, semelhança – partes similares podem ser compreendidas conjuntamente, preenchimento – a percepção adianta-se em completar lacunas, simplicidade - também denominada de boa forma, trata-se de uma forma simétrica e estável, permitindo facilidade de assimilação e figura-fundo o papel perceptivo em discernir algo que está para o objeto e base que lhe dá sustentação.

vem em segundo”. O terceiro nível, o **Modelo em 3D (tridimensional)** versa na construção de um modelo estável, que comporta “rotações mentais” da forma. Decurso semelhante se apresenta nas pesquisas realizadas sobre as vias de conexão neural para a visão. Kandel, Schwartz e Jessell (1995) sintetizam três vias de distribuição paralela que interagem entre si no processamento: a cor, forma e profundidade, movimento e profundidade. Em ambos os argumentos, pode-se sintetizar que a forma se apresenta pela cor e outros determinantes de superfície, depois pela delimitação da superfície em contraste com outras, e por fim configuram a espacialidade de um mundo tridimensional não estático. Poderia ser estendido para uma exploração da tipologia das formas, mas estaria além do recorte implícito.

Por fim, a potencialidade de gerar efeitos, mediar, produzir sentidos, parte do estado contemplativo, muitas vezes ausente de nomeação, até as complexas interações com a linguagem verbal.

Mediante o exposto, a relação entre imagem e linguagem visual, a naturalidade das estruturas para desenvolver a linguagem visual, adentramos a questão da alfabetização visual. Mais, especificamente sobre o conceito de dois autores Dondis (2000) e Catalá (2011), cuja difusão tem sido significativa.

Vejamos primeiramente o significado do termo alfabetização. No uso comum traduz a ideia de alguém que irá escrever e ler, pois afala independente de alfabetização. Quando a língua passou a ter outros suportes de registro externos ao sistema fonológico, com metas extremamente socializantes, surgiu a técnica de codificação gráfica, que passou por vários estágios. Foram sinais que representavam conjunto de ideias ou coisas, unidade de ideia ou coisas e sonoridade vocal. De signos pictográficos (coisas e movimento da boca) passou para ideográficos. Neste último estágio, uma herança grega configurava o alfabeto (ocidente) como se conhece hoje. O termo nasceu da junção das duas primeiras letras Alpha e Beta e implica no processo de aquisição dos códigos gráficos para representar a oralidade, fica evidente a natureza verbal e difere profundamente do mecanismo de compreensão da linguagem visual. Com exceção das imagens mentais, aquelas que são produzidas ou se apresentam na contemplação do mundo natural, são fatos concretos, já encarnados em uma materialidade. Não dependem de criação de técnicas de codificação para se inscreverem na materialidade sujeita à percepção visual.

Dondis (2000, p 19) diz: “[...] O alfabetismo visual jamais poderá ser um sistema tão lógico e preciso como a linguagem. As linguagens são sistemas inventados pelo homem para codificar, armazenar e decodificar informações”. Partindo desta concepção limítrofe de linguagens, com indicadores de compreensão do fenômeno sob ótica verbal e até mesmo da língua, o autor propõe a ideia de mensagem

visual e considera três características para elas: input visual (miríades de signo), o material representacional e a estrutura abstrata, seja natural ou intencional.

A ideia de símbolo para explicar a linguagem desenvolvida pelo autor, propõe um sistema (verbal) que apurar uma noção lógica, ou seja, a capacidade regulativa da forma verbal para entender fenômenos. O material representacional trata da experiência direta, independente de mediações de sistema codificáveis. A estrutura abstrata, com a qual ele prepara o argumento para falar de sintaxe visual, se trata de algo elementar e de difícil tangibilidade. Apóia-se na Teoria da Gestalt para dar continuidade. O que o DonDIS faz é extrair categorias da mensagem visual sem rever bases semióticas que permitem visões mais amplas sobre o fenômeno da linguagem. A ideia da visualidade como experiência direta, que liga estreitamente o indivíduo à realidade é minimamente impossível, pois a cultura já estabeleceu camadas de mediações desde que nascemos. Aliás, quando afirma: “Às vezes basta ver um processo para compreender como ele funciona.” (DONDIS, 2000, p.21), implícita a ideia de conhecimento prévio. Com a ideia de estrutura abstrata, elenca elementos visuais (sintaxe e forma) do ponto de vista da produção visual bidimensional, apresenta tópicos que estão na condição de efeito de sentido (semântica). O conceito de alfabetização visual de DonDIS trata de reconhecer e manipular a estrutura abstrata da composição. Não se trata da natureza latos do termo.

Catalá inicia sua conceituação a partir da potencialidade semântica: “Por intermédio da língua, vamos do exato ao polissêmico, enquanto com a imagem do polissêmico nos dirigimos ao concreto por um processo de compreensão de sua estrutura visual.” (CATALÁ, 2011 p 15) Catalá observa aspectos unilaterais das duas formas de linguagem: a convenção do signo verbal, aspecto simbólico, aparentemente exato, predispõe na sua arbitrariedade deflagrar certa gama discursiva, enquanto, que o signo visual, de natureza apresentativo, aberto ao campo da experiência do leitor, representa algo como ele é.

Pontualmente, o autor extrai a sua ideia da interação de dois paradigmas, aparentemente opostos para cuja interação conceitua:

Enquanto aprender a ler significa aprender a apagar o suporte material do escrito para internalizar e automatizar seus mecanismos simbólicos, aprender a ver implica tornar visível o material do figurado para construir sobre ele uma nova simbologia. Trata-se de dois mecanismos cognitivos antagônicos, embora ambos confluem para um processo de conhecimento parecido. (CATALÁ, 2000, p 15)

A confluência de Catalá explica a necessidade da forma verbal para organizar as estruturas sintáticas da linguagem visual. Fato que também preocupa DonDIS,

mas não são tão articuladas. A priori não fica claro na ideia do autor, mesmo quando ele usa o argumento de negação, o que não é alfabetização: a organização verbal do visível, o uso do alfabeto para descrever a estrutura da imagem, então, o que revela a condição de alfabetizar-se visualmente? A afirmação: “a alfabetização visual significa, portanto, aprender a conhecer os fenômenos visuais, ou seja, aprender a expressar verbalmente o que se produz visualmente. (CATALÁ, 2000 p 15)” é bem mais esclarecedora, principalmente, quando ele reforça com a expressão “aprender a linguagem da imagem”. Entretanto, não é intenção do autor construir o território gramatical, mesmo que falacioso como Dondis, para demonstrar o que seria essa linguagem da imagem.

Destarte, a “alfabetização” é um termo impróprio para um fenômeno real. Talvez a proposição de termos como “Educação visual” ou “gramatização ou gramaticalização visual”, fossem mais indicativos para a aprendizagem da linguagem visual, entretanto, mantereí em uso “alfabetização” pelo fato do conhecimento socializado que já acumula e a mudança de nomenclatura não é fundamental para resolver o problema.

A reação ao estado de leitura de imagens é de duas ordens: a visual e a verbal, enquanto a primeira é contemplativa e indicativa, a segunda assume tanto a condição nominativa daquilo que está contido na visualidade (que é mais comum), como a compreensão e operacionalidade da sintaxe e morfologia visual. A linguagem visual apresenta a sua gramática, mas a verbal fornece os termos que nomeiam para racionalização da visualidade.

Exemplificar é oportuno: ao observar a célebre pintura *Les Demoiselles d'Avignon* de Pablo Picasso, a mente, mesmo em silêncio, dispara palavras que nomeiam as cores e formas: azul, rosa, mulheres, máscara, distâncias, etc. esse leitor pode ser qualquer pessoa, mas quando as palavras analisam agrupamentos por semelhança, a tensão espacial, o fluxo distributivo do tempo do olhar, etc., é um indicativo do domínio da linguagem visual.

Durante alguns anos, ministrando aulas para estudantes de: arquitetura, história das artes visuais, design, era comum mostrarem seus projetos, edificações, layouts, maquetes, enfim produções visuais, cujos professores solicitantes criticavam que não estava bom, faltava alguma coisa, mas essa coisa nunca era nomeada. Uma sensação, uma consciência visual desprovida da identificação e argumento verbal que comprometiam a operacionalização da linguagem visual. Em muitos casos, a contenda estava na falta de domínio da sintaxe visual, de ambos os lados. A sintaxe apresenta a forma, e ambas criam efeitos de sentidos.

A necessidade de compreensão da linguagem visual precisa ser revista, desde as áreas de formação específica que os programas curriculares não

ênfatisam esse aspecto, assim como, a formação do cidadão comum, na educação básica, precisa retomar a linguagem visual como processo evolutivo e acumulativo semelhante ao que ocorre com os contudos da linguagem verbal, em detrimento da leitura e produção fortuita.

A trajetória de rever o conceito de alfabetização visual, apresentando asintaxe e morfologia como decorrentes do que somos biologicamente, não exclui as formatações que a cultura impõe a visualidade. Novos comportamentos perceptivos e cognitivos podem se estabelecer dentro do universo de possibilidade que as estruturas da visão e conexões que o corpo está equipado.

REFERÊNCIAS:

CATALDomenech, J. M. *A forma do real: introdução aos estudos visuais*. São Paulo: Summus, 2011.

CRESPI, I., & Ferrario, J. *Léxico técnico de las artes plásticas*. Buenos Aires: EUDEBA, 1995

DONDIS, D. A.. *Sintaxe da linguagem visual* (3ed). São Paulo: Martins Fontes, 2000..

HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parabol, 2003.

JOHNSON-LAIRD, P. N. *The computer and the mind: an introduction to cognitive science*. Cambridge: Harvard University Press, 1989

KANDEL, E.R. et al, *Fundamentos da Neurociências e do comportamento*. Prentice-hall: Rio de Janeiro, 1995

KANDINSKY, W. *Ponto e linha sobre o plano*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARR, D. *Vision: A Computational Investigation into the Human Representation and Processing of Visual Information*. London: Mit Press, 2010

PEIRCE, C.S. *Semiótica e Filosofia*, trad. de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972.

POPPER, K. R., & ECCLES, J. C. *O eu e seu cérebro*. Campinas: Papyrus, Brasília: UNB, 1999.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mdias  cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2004

_____. *Percepção: fenomenologia, ecologia e semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012

SCOTT, R. G. *Fundamentos Del diseno*. Buenos Aires: Victor Leru, 1978

WERTHEIMER, M. (s.d.). *Laws of Organization in Perceptual Forms* (1923). Ontario: York University. Disponível em: <<http://psychclassics.yorku.ca/Wertheimer/Forms/forms.htm>>. Acesso em: 4/agosto/2012

WESTHEIMER, G.). Gestalt theory reconfigured: Max Wertheimer's anticipation of recent developments in visual neuroscience. *Perception*. London: Pion, 28,(1) 5-15, 1999, Disponível em: <http://www.trincoll.edu/depts/ecopsyc/courses/westheimer_gestalt.pdf> Acesso em: 01/julho/2013.

Minicurrículo

Sidney Gomes Campanhole é doutorando e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, licenciado em Artes Plásticas pela FAAP, atua como coordenador pedagógico na rede de ensino público do Estado de São Paulo e leciona como professor temporário no Curso de Pós graduação em Design Gráfico no SENAC –Campinas.